

## Tradução comentada de “A chave-de-ouro” de George MacDonald

Gabriele Greggersen<sup>1</sup>

**Resumo:** George MacDonald, autor do conto aqui apresentado, fez parte da era vitoriana da literatura europeia, influenciando fortemente autores pós-vitorianos como GK. Chesterton, CS. Lewis, Dorothy L. Sayers, entre outros, principalmente com seu conceito de imaginação. Nesse esplêndido conto fantástico, que muito reflete esse conceito na prática, um casal de crianças cresce juntos na busca pela fechadura certa de uma chave de ouro, que só irá terminar no fim do arco-íris.

**Palavras Chave:** George MacDonald, contos fantásticos, imaginação.

**Abstract:** George MacDonald, author of the story introduced here was part of the Victorian era of European literature, strongly influencing post-Victorian authors such as GK Chesterton, CS Lewis, Dorothy Sayers, among others, particularly with his concept of imagination. In this magnetic fantastic story, which very much reflects this concept in practice, a couple of kids grow together in search of the fitting lock for a gold key, which will only expire at the end of the rainbow.

**Keywords:** George MacDonald, Fantastic literature, imagination.

### Introdução

George MacDonald nasceu em 1824 na Escócia, em plena Era Vitoriana, notabilizando-se como professor, conferencista, autor de trinta novelas, cinquenta livros, além de grandes poesias e romances para adultos e ensaios filosóficos e teológicos. Devido à diversidade e qualidade de seus contos, ele é considerado um dos mais criativos pensadores do século dezenove.

Destacou-se já como estudante de teologia na faculdade em Aberdeen na Escócia. Em 1850, sentiu-se vocacionado para atuar como ministro numa capela em Arundel. Dois anos depois teve que afastar-se muito em função do envolvimento de seus contos com fadas e seres de outro do mundo fantástico ou do “reino das fadas”, além de seus sermões excessivamente “universalistas” para a orientação conservadora de seus súditos. Ao invés de o dispensarem, porém, eles foram reduzindo o seu salário até o inviável para o sustento de uma família de esposa, seis filhos e cinco filhas. Depois de desistir da batina, MacDonald tornou-se professor de inglês da Universidade de Londres, vindo a ser professor convidado nos Estados Unidos.

Seus contos nasceram à medida que a sua prole crescia a partir de seu hábito de lhes contar histórias de ninar. Entre suas histórias mais populares por todo o mundo estão *At the back of North Wind* (Nas Asas do Vento Norte- 1871), ao lado de *The Princess and the Goblin* (A Princesa e o Goblin - 1872) e *The Princess and Curdie* (A Princesa e Curdie, 1883) que podem ser considerados “fantasias para crianças”.

Muito do seu sucesso junto às crianças e aos seus pais deve-se à sua moral, que reflete os valores cristãos. Mas suas obras ficaram esquecidas por vários anos. Atualmente, o valor de seus escritos está sendo redescoberto, em especial desde a formação da *Sociedade George MacDonald* em 1981<sup>2</sup>, na Escócia, e o crescente interesse por eles nos Estados Unidos. Outro importante pensador e escritor renomado, G.K. Chesterton era admirador de sua obra, principalmente a *Princesa e o Goblin*. É o que comenta em sua introdução à biografia escrita pelo filho do autor.

---

<sup>1</sup>. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Educação Feusp. Doutoranda em Estudos da Tradução pela UFSC.

<sup>2</sup> Disponível em <<http://www.sayers.org.uk/society.html>>. Acesso em: 28 de Jan de 2011.

Mas ele mesmo relativizava a categorização rígida entre literatura *para adultos* e *para crianças*, admitindo que foi depois da meia idade que ele achou o seu caminho de volta ao mundo encantado “do bom senso”, que abriga as mais secretas verdades.

Outro escritor britânico muito influenciado por Chesterton e MacDonald, C.S. Lewis (1996), fez mais: dedicou-lhe uma antologia com mais de trezentas citações. Foi lendo a novela *Phantastes* (1958) quando era adolescente, um clássico “para adultos”, que ele teve batizada a sua grandiosa mente e imaginação.

Além de Lewis, outros autores renomados sofreram influência de MacDonald, como Lewis Carrol<sup>3</sup>, de quem foi mentor e com quem trocava manuscritos para crítica mútua, G.K. Chesterton, J.R.R. Tolkien, Dorothy Sayers, W. H. Auden, E. Nesbit, Madeleine L'Engle e John Ruskin, que também foi seu amigo. Esses autores formavam, assim, uma era de romantismo tardio.

Um dos maiores méritos de MacDonald é a habilidade em abordar temas essencialíssimos do campo da ética e da teologia, como o sentido da vida, a morte, a psique humana, usando primorosamente a via da imaginação. Entre os ensaios que consideramos mais contributivos para o campo da linguagem e também da filosofia, teologia e educação, destacamos “Sobre a função e cultura da imaginação” (“*The Imagination: Its function and its culture*”), escrito em 1867. Não é para menos que *The Golden Key (A chave-de-ouro, 1867)* aqui apresentada data do mesmo ano, pois trata-se de um dos melhores exemplares de tradução para a via imaginativa, daquele ensaio.

Nesse artigo, ele parte de uma crítica aos conceitos de educação que promovem o ócio. Pois se educar fosse meramente tornar a vida mais fácil, prática e pronta para ser desfrutada, o homem estaria reduzido ao animal e suas habilidades humanas, aos instintos. Pois o fim da educação não é o equilíbrio, o conforto, mas sim, a inquietação, a superação do marasmo rumo à busca da verdade última, do *elán vital*. A educação desprovida desse apelo decreta a morte da criatividade e da imaginação e assim, sua própria morte. O professor, de modo semelhante à divindade e suas reivindicações, deve ser fácil de agradar, mas difícil de satisfazer e assim devem ser também os seus alunos.

Mas a educação *equipada* da imaginação promove a reunificação e harmonização de campos mantidos separados nas sociedades racionalistas, tais como o da *fé* e da *razão*. Pois o fim da imaginação é a fé e a fé é uma faculdade de *ver o invisível*, ou seja, *imaginá-lo*. Ela também harmoniza a relação entre fé e obras, relação esta historicamente incompreendida por muitos cristãos e não-cristãos. Por isso ela é considerada uma das mais importantes e nobres faculdades da Criação, que no ser humano - imagem e semelhança do Criador, potencializa-se: quanto mais a criatura exercer esse dom, mais humana vai se tornando e mais claramente espelhará o seu Criador. E mais humano vai se tornando também o seu de redor, principalmente no que diz respeito à relação com outros seres humanos e com a natureza.

MacDonald acreditava, portanto, que a capacidade criadora humana deve-se à semelhança de seu *logos*, que corresponde a *ratio* no latim, com o *Logos* criador divino. A imaginação é a capacidade de, através dos “sinais” entalhados por Ele na realidade circundante, imitar a *mente do Criador* (1941).<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Pseud. do Rev. Charles Lutwidge Dodgson. Na época em que escrevia Alice, Carrol entregou alguns manuscritos a MacDonald, com o pedido de o mesmo contar a história aos filhos para aprovação.

<sup>4</sup> Essa ideia é desenvolvida por Dorothy Sayers, que também comungava do grupo de escritores de romances policiais fundado por Chesterton, em *The Mind of the Maker*. Ela foi ainda a única componente mulher do grupo fundado por C.S. Lewis. Graças a outro membro desse último clube, J.R.R. Tolkien, a faculdade distintamente humana de imitação da mente do Criador ganha um novo nome: *sub-criação* (conf. TOLKIEN, 1978), ou criação de sentidos em um plano paralelo ao da criação do mundo, plano esse inferior ao da natureza criada. A obra de Sayers também guarda surpreendente semelhança com autor

A diferença entre ambos é que, enquanto Deus *chama* à existência, o homem é *chamado* a ela. O artista nada mais é do que um imitador de modelos preexistentes na mente criada ou no mundo circundante. Desde Platão e Aristóteles essa ideia de ativação de algo latente no ser, chama-se *mimese*.

Nós só podemos ter *Shakespeare* como *modelo* de criatividade e arte, esclarece MacDonald, porque há alguém que o criou *antes de tudo*. Enquanto nós temos ideias na cabeça, ele nos tem a *nós e toda a realidade criada* em sua mente. Enquanto nós precisamos das mediações para expressar ideias, ele *imprime a sua própria natureza* na criação.

O dilema humano entre o ser criativo, mas não chegar a ser original, pode ser em parte superado, precisamente pela via da imaginação: “O homem precisa acender a luz da lâmpada que existe na forma das coisas: a sua imaginação é a luz, não é a forma. Esta luz que incide sobre a forma torna-a imediatamente visível através de sua própria forma”.<sup>5</sup> Quando as *palavras* não bastam para veicular o que se está pensando ou sentindo, o homem apela para os símbolos como sua linguagem analógica e icônica. Daí que tudo quanto envolva a linguagem seja *metafórico*, e, portanto *imaginativo*, mas não no sentido da originalidade, que é prerrogativa divina.

Fazemos votos que a leitura a seguir, seja capaz de transportar o leitor para o mundo da imaginação de uma forma leve e prazerosa, como só George MacDonald era capaz de fazer.

## A chave-de-ouro<sup>6</sup>

George Mac Donald

Era uma vez um rapaz que tinha o costume de, ao cair da tarde, sentar-se para escutar as histórias da sua tia-avó. Ela lhe dizia que, se um dia ele descobrisse o fim do arco-íris, encontraria lá uma chave-de-ouro.

“Uma chave para quê?” perguntou o menino. “Que chave é essa? Ela abre o quê?”

“Isso ninguém sabe”, respondeu a tia, “quem a encontrar terá de descobrir”.

“Suponho que, como é de ouro”, disse o menino, pensativamente, “eu poderia ganhar um bom dinheiro se a vendesse”.

“Melhor seria que nunca a achassem, do que deixassem alguém vendê-la” replicou sua tia. E então o menino foi se deitar e sonhou com a chave-de-ouro.

É evidente que qualquer coisa que a sua tia-avó dissesse ao menino a respeito da tal chave-de-ouro teria parecido absurdo, se a sua pequena casa não ficasse às margens do mundo das fadas. Todo mundo sabe que ninguém seria capaz de encontrar o fim do arco-íris, exceto no mundo das fadas. Qualquer criatura que tivesse uma chave-de-ouro tomaria o cuidado de nunca deixá-la no mesmo lugar, para evitar que alguém a encontrasse! Mas no mundo das fadas as coisas são completamente diferentes. Coisas que parecem reais neste mundo certamente perderiam a consistência

---

mais recente, considerado “de vanguarda”, George Steiner. Numa de suas mais conhecidas obras, *Gramáticas da Criação*, o autor defende que a ideia de criação é elemento fundamental para se compreender toda história da arte e cultura humanas.

<sup>5</sup> NT. Tradução própria, *op cit.* 1867 a.

<sup>6</sup> NT. Fizemos os cortes necessários para o espaço da revista, procurando limitá-los a descrições extensivas, mas que em algum publicação futura seriam importantes para maior legibilidade da história. Os acréscimos estão entre colchetes.

no reino das fadas, e outras que aqui não param no mesmo lugar por um só minuto, nunca saem do lugar por ali. Assim não era nenhum absurdo o que a velha mulher dizia ao seu sobrinho sobre a chave-de-ouro:

“Você conhece alguém que já a tenha encontrado algum dia?” perguntou ele certo dia. “Conheço, sim”. – disse ela. “Acredito que o seu pai a tenha encontrado”.

“E pode me dizer o que ele fez com a chave?”

“Ele nunca me disse”.

“E como ela era?”

“Ele nunca me mostrou”.

“E como se explica que sempre aparece uma chave novinha em folha?”

“Não sei dizer. Só sei que ela está lá.”

“Quem sabe não seja uma espécie de ovo do arco-íris.”

“Talvez seja. Você seria um menino felizardo se encontrasse o seu ninho.”

“Quem sabe ela não caia do céu bem debaixo do arco-íris.”

“Quem sabe...”

Certo dia de verão, o menino foi para o seu quarto e ficou na janela, olhando para floresta que se encontrava na fronteira do reino das fadas. Ela chegava bem perto do jardim de sua tia-avó, e de lá podia vislumbrar algumas árvores esparsas nele. A floresta situava-se a leste, e o sol, que estava se pondo atrás da casa de campo, batia em linha reta sobre a madeira escura com seu olho vermelho no horizonte. As árvores eram todas bem antigas, e tinham poucos ramos na parte inferior, permitindo ao sol uma grande penetração na floresta; e o menino podia com suas vistas afiadas, penetrá-la quase tão longe quanto o sol. Os troncos pareciam colunas vermelhas enfileiradas sob o brilho vermelho do sol poente, que podia ser visto ao longe, logo abaixo das fileiras. E enquanto olhava assim para a floresta começou a sentir como se todas aquelas árvores estivessem à sua espera, e que tinham algum problema que não seria solucionado, enquanto ele não viesse até elas. Mas ele estava com fome e queria seu jantar. Assim, resolveu adiar tudo para outro dia.

No entanto, de súbito avistou ao longe, até onde o sol podia alcançar, no meio daquelas árvores, algo magnífico. Parecia o fim de um arco-íris, grande e esplendoroso. Podia até contar todas sete cores, em todas as nuances de tonalidade além do violeta. Mas antes de chegar o vermelho havia outra cor ainda mais fervorosa e mais misteriosa do que as anteriores. Ele nunca havia visto uma cor assim. Tudo o que ele via era a base do arco-íris. Não se via nada acima das copas das árvores. “A chave-de-ouro!” disse o menino consigo mesmo -, e disparou feito raio para fora de casa e para dentro da floresta. Não conseguiu chegar muito longe antes do pôr do sol.

Mas o arco-íris ardia com brilho redobrado. Pois o Reino das fadas ele não depende do sol como o nosso. As árvores davam-lhe boas-vindas. Os arbustos davam-lhe espaço. O arco-íris ia ficando cada vez maior e mais vivo; e, depois de algum tempo, ele se viu bem no meio de duas árvores da floresta.

Aquela era uma vista magnífica, ardendo ao longe em silêncio, com suas cores fervorosas, encantadoras e delicadas, cada uma distinta, mas todas combinando harmoniosamente entre si. Poderia agora vê-lo bem mais de perto. Ele se erguia até o azul dos céus, mas inclinava-se tão pouco que não sabia dizer, até onde deveria chegar até alcançar o todo do arco. O que via era só um pedacinho muito pequeno da curvatura do enorme arco.

Ficou a contemplá-lo até esquecer-se de tudo, até de si mesmo - o que era uma sensação maravilhosa- e acabou esquecendo-se também da chave que tinha vindo procurar. Tudo ia ficando cada vez mais maravilhoso. Pois dentro de cada uma das cores, tão largas, quanto colunas de igreja, podia-se identificar belos vultos de seres que subiam lentamente como que por uma escada em espiral. Os espectros tinham formas irregulares – ora era um só, ora vários, ora muitos, ora poucos, ora nenhum – que pareciam de homens e mulheres e crianças – todos muito diferentes uns dos outros, mas todos igualmente belos. Mas quando tentou aproximar-se só mais um pouco do arco-íris, ele desapareceu. Ao recuar desanimado, lá estava ele outra vez, lindo, como sempre. Contentou-se, assim, em ficar o mais perto dele quanto podia, e prestar atenção nos espectros que subiam num colorido maravilhoso até as alturas desconhecidas do arco-íris, que não acabava abruptamente, mas desvanecia gradativamente no azul do céu, tanto, que não se podia ver onde morria.

Quando o garoto finalmente se lembrou da chave-de-ouro, ele teve a sabedoria de tentar reconstituir em sua mente o local que estava agora coberto pela base do arco-íris, a fim de saber onde deveria procurar depois, caso ele desaparecesse repentinamente. Tomou uma área coberta de musgo como ponto de referência. Nesse meio tempo, já havia escurecido por completo na floresta. Só o que se via era o arco-íris iluminado por sua própria luz. Mas no exato instante em que a lua nasceu, o arco-íris se foi. Nada era capaz de restaurar aquela imagem aos olhos do menino. Assim ele se deixou cair sobre o lugar gravado em sua mente que estava coberto de musgo, até que a luz do sol nascente lhe permitisse procurar a chave. Do jeito mesmo que se deitou, pegou logo no sono. Quando acordou, o sol da manhã já o estava alto, ofuscando seus olhos. Ao virar o rosto, protegendo-se da luz, viu alguma coisa pequena brilhando no meio do musgo a um palmo do seu rosto. Era a chave-de-ouro. A parte alongada era de ouro puro, lustroso. E a parte mais larga era curiosa: incrustada de safiras decorativas. Tomado por uma incrível sensação de deleite esticou a mão e examinou a chave com todo o cuidado e tomou posse dela.

Ficou ali deitado alguns instantes, girando-a entre os dedos e fazendo seus olhos se agradarem da sua beleza. Então se pôs em pé de um salto, ao dar-se conta de que aquela coisinha linda não lhe tinha sido de qualquer proveito até então. Onde estava a fechadura certa para a chave? Ela devia estar em algum lugar, pois como poderia alguém ser tão burro de fazer uma chave sem fechadura equivalente? Mas onde procurar? Olhou em redor, para o alto, o alto, e para baixo, mas não era capaz de avistar nenhum buraco de fechadura nas nuvens, na grama, ou nas árvores.

Já estava começando a ficar desanimado, quando viu algo cintilante na floresta. Tudo o que havia registrado era uma luz, mas ele logo imaginou que se tratasse do arco-íris, e se voltou para aquela direção.

Mas agora precisamos voltar para o lado de lá da floresta. Não longe da casa onde o menino morava, havia outra casa. Ela pertencia a um comerciante, que estava muito longe de sua terra natal. Tinha perdido sua esposa a alguns anos, que lhe deixou uma única filhinha. Ela a deixava à cargo de duas empregadas, que eram muito displicentes e descuidados com ela. Assim, ela era negligenciada e andava bastante desarrumada, além de muitas vezes chegar a ficar doente pelos maus-tratos.

Agora, como todo mundo, sabe as pequenas criaturas que costumamos chamar de *fadas* - e há uma grande diversidade delas no reino das fadas - sentem-se especialmente incomodadas com o excesso de desordem. Pode crer que elas não se agradam de gente desleixada. Estando acostumadas aos modos encantadores das árvores e das flores, e ao esmero e limpeza dos pássaros e de todas as criaturas da floresta, elas têm uma sensação altamente desagradável ao pensar que na profundidade das suas florestas, com seus lindos tapetes de gramíneos e sob a luz da mesma lua

possa encontrar-se uma casa tão suja, desagradável e desleixada. Isso as deixava tão irritadas com essa gente que ali vivia que ficariam muito contentes se pudessem eliminá-la do mundo, se pudessem. Por elas o mundo todo seria agradável e limpo. Por isso surravam as empregadas da casa até que ficassem roxos, e aprontavam com eles todo tipo de arte.

Mas aquela casa era uma vergonha total, e as fadas da floresta não podiam suportá-la. Tentaram de tudo com as empregadas, mas sem sucesso, e por fim, resolveram dar um fim nisso e livrar-se de vez daquilo tudo, começando pela garota. Elas deviam saber que não era culpa dela, mas elas não ligavam muito para certos princípios, acabando por prejudicar os outros. Elas supunham que, se comessem, livrando-se da garota, com certeza também se livrariam das empregadas da casa.

Certo dia, a pequena e maltratada menina, depois de ter sido posta para dormir antes do pôr do sol, as empregadas resolveram sair e ir até a vila, trancando a porta atrás deles. A criança não fazia ideia de que estava sozinha, e ficou olhando satisfeita para fora da janela em direção à floresta, da qual, entretanto, não podia ver muita coisa, por causa da hera e de outras trepadeiras que alcançavam até a janela. De repente viu um macaco fazer caretas imitando todos seus gestos, como se fosse um espelho, e cabeças rachadas em cima de um velho guarda-roupas, que estampavam um grande e temível sorriso. Então duas velhas cadeiras de balanço pularam para a frente colocando-se no meio do quarto, e começaram a dançar uma dança estranha, muito antiquada. Isso fez com que a garota desatasse a rir, esquecendo-se do macaco e das cabeças sorrindo. Então as fadas se deram conta de que haviam cometido um erro, ao tirar as cadeiras de seus lugares e mandaram-nas de volta aos seus lugares. Mas sabiam também que ela tinha lido a história de Cachinhos Dourados o dia inteiro.

Instantes depois, ela ouviu as vozes dos três ursos na escada. Era uma voz alta, uma média, e uma baixa, e ouviu seus passos mansos, mas pesados, como se tivessem meias nas patas, aproximando-se cada vez mais da porta de seu quarto, até que não dava para aguentar mais. A garota resolveu então simplesmente imitar Cachinhos Dourados, e fazer o que as fadas queriam que ela fizesse: foi até a janela, e a escancarou. Agarrou-se à hera e começou a descer até chegar ao chão. Então, fugiu para a floresta.

Assim, mesmo sem o saber, fez o melhor que poderia ter feito, pois não existe nada pior do que ser molestado em sua própria casa. Melhor estar fora dela. Além disso, essas fadas mal-intencionadas não passavam de crianças naquele mundo. Há muitos outros seres por lá; e se um viajante se aventurar por lá, certamente encontrará muito mais criaturas prontas para ajudar, do que más e dispostas a prejudicar os outros.

Quando o sol se pôs definitivamente e a escuridão tomou conta, o único perigo que passou a ocupar a mente da menina eram os ursos atrás dela. Entretanto, se ela tivesse olhado em redor, teria visto que estava sendo seguida por uma criatura muito diferente de um urso. Era um ser curioso, parecidos com um peixe, mas que, em vez das escamas, era coberto por penas de todas as cores que lhe dava a vivacidade de um beija-flor. Ao invés de asas, tinha nadadeiras, com as quais cruzava o ar como um peixinho na água. Sua cabeça era a de coruja.

Depois de uma longa caminhada, enquanto os últimos raios da luz desapareciam, passou sob uma árvore cujos ramos foram se curvando até caírem todos no chão e sobre ela, bloqueando seu caminho, como se fosse uma armadilha. Tentou de todas as formas achar uma brecha para escapar, mas as folhas pressionaram-na cada vez mais para perto do tronco. Já começava a se sentir apavorada e muito aflita, quando o peixe voador, nadando sobre o monte de ramos, começaram cortá-los com seu bico. Liberando-a gradativamente de sua prisão, a criatura continuou atacando os ramos, até a criança ter ficado completamente livre para ir. Vindo por trás dela, o peixe voador nadou adiante, resplandecendo e ostentando todas as suas encantadoras cores; e ela o seguiu.

Assim, a menina acabou sendo guiada delicadamente pela floresta até que o peixe desapareceu para dentro de uma porta de cabana. A criança resolveu entrar. No meio do chão da casa, avistou um fogo flamejante sobre o qual havia um tanque sem tampa, cheio da água que fervia e borbulhava. Os peixes voadores nadaram diretamente para dentro do tanque, onde se aquietaram. Uma mulher muito bonita levantou-se do outro lado do fogo e veio ao encontro da menina. Levantou-a em seus braços e disse,

“Finalmente, você chegou! Já estava esperando faz tanto tempo”.

Sentou-se com a menina no colo, que a ficou olhando de olhos arregalados. A garota nunca havia visto mulher assim tão bonita. Era alta e forte, com braços e a pescoço brancos, e um delicado resplendor em seu rosto. Não se podia precisar a cor de seu cabelo, mas não dava para evitar pensar que tinha um tom de verde escuro. Não havia nenhuma joia na sua cabeça, mas parecia que ela tinha acabado de sair de um banho de diamantes e esmeraldas. Contudo lá estava ela na mais simples e modesta cabana, que evidentemente também era seu lar. Estava vestida de verde resplandecente. A menina olhou para a mulher, e a mulher olhou para a menina.

“Qual o seu nome?” perguntou a mulher.

“As empregadas costumam me chamar de Complicada”.<sup>7</sup>

“Ah, mas isso deve ser porque o seu cabelo sempre está assim tão embaraçado. Mas a culpa é delas! Que mulheres mais irresponsáveis! Mas não deixa de ser um bonito nome. Vou chamá-la assim daqui para frente. Não repare nas minhas muitas perguntas, você também pode fazer-me perguntas, tudo o que quiser saber. Qual é a sua idade?”

“Tenho dez anos”, respondeu Complicada.

“Pois não parece” disse a mulher.

“E posso saber qual a *sua* idade, por favor?” retrucou Complicada.

“Tenho milhares de anos”, responderam a mulher.

“Pois não parece”, disse Complicada.

“Não parece? Parece sim. Não está vendo como eu sou bonita!”

E seus grandes olhos azuis olhavam para Complicada, como se todas as estrelas do céu tivessem sido derretidas neles para dar todo esse brilho.

“Acontece”, disse Complicada, “que quando as pessoas vivem muito, ficam velhas. Pelo menos eu sempre achei que ficassem”.

“Eu não tenho tempo para ficar velha”, disse a mulher. “sou muito ocupada para isso. Ficar velha significa ficar menos ativa - mas eu não posso deixar a minha pequena menina desprotegida. Você acredita que não pude achar um só lugorzinho limpo no seu rosto para te dar um beijo!”

“Talvez”, sugeriu Complicada, sentindo-se envergonhada mas não o suficiente para impedi-la de dizer uma palavra em sua defesa”, talvez isso seja porque a árvore me fez chorar tanto ”.

---

<sup>7</sup> O nome no inglês, Tangle, dificilmente poderia ser usado no português, devido à pronuncia muito diferente do que soaria em língua portuguesa. Optei por “complicada” porque a palavra complicado vem de plicas, que no latim, significa “dobras” ou “amassos”, “emaranhados” ou “embaraços” e *com-plicas* é o contrário de *sim-plicas* ou *simplex*, que significa simples, plano, sem dobraduras ou amassos. Nesse sentido *ex-plicar* significa “tirar as plicas”.

“Minha pobrezinha querida!”, disse a mulher, com um olhar no qual o luar se derretia e beijando sua pequena cara, suja como estava. A árvore malvada deve sofrer por isso .

“E como a senhora se chama?” perguntou Complicada.

“Avó”, respondeu à mulher.

“É mesmo?”

“É mesmo, sim. Eu nunca fico prosa, nem de brincadeira”.

“Que gentileza da sua parte!”

“Eu nem poderia se experimentasse. Pois tudo o que eu digo se torna verdade, e então teria que ser punida por isso”. E sorriu como um sol de chuva de verão.

“Mas agora”, continuou, “é hora do banho, e depois vamos jantar”.

“Oh! Faz muito tempo que não janto”, disse Complicada.

“Sim, de fato faz muito tempo”, respondeu a mulher, “foi mais precisamente há três anos. Você não sabia que já se passaram três anos desde que você foi perseguida pelos ursos? Você já tem treze anos agora”.

Complicada arregalou os olhos. Mas sentia que era verdade.

“Você não teria medo de nada que eu viesse a fazer com você - teria?” disse a mulher.

“Vou fazer o possível para não ter; mas eu não posso estar assim tão certa”, respondeu Complicada.

“Falou bem! Fico satisfeita com isso”, replicou a mulher (...).

[Depois de lhe dar um banho em um tanque cheio daquelas criaturas que as havia guiado pela floresta e com a ajuda deles nesse intuito], ela a carregou de volta para perto do fogo, e, secando-a bem, abriu um baú e examinando seu conteúdo, tirou algumas peças do linho mais fino, com cheiro silvestre de lavanda. Vestiu-as nelas e, por cima de tudo, colocou um vestido verde, igualzinho ao seu, que brilhava como o dela, e era suave como o dela. (...) E a mulher sentou-se novamente com ela, e penteou seu cabelo, escovou-o e o deixou secar enquanto ia cuidar do jantar.

Primeiro ela tirou uma broa de dentro de um buraco na parede; em seguida, tirou leite de outro; depois tirou várias espécies de fruta do terceiro; e então foi até o tanque que estava no fogo, e retirou os peixes, que já estavam cozidos e bem macios, e que, uma vez retirada a pele de penas, estavam prontos para serem servidos.

“Mas... mas...”, exclamou Complicada, olhando fixamente para os peixes, e não conseguiu dizer mais nada.

“Sei o que está pensando”, retrucou a mulher. “Você não está com muita vontade de comer o mensageiro que a guiou até aqui. Acontece que essa é a recompensa mais amável que se pode oferecer a essas criaturas. Aquela criaturinha estava com receio de sair, até que me viu vir até ela, prometendo que ela seria fervida, assim que voltasse trazendo você. Aí ela saiu feito um raio pela porta afora. Você mesma viu-a mergulhar no tanque sozinha assim que entrou pela porta, não viu?”

“Vi sim”, respondeu Complicada, “e achei muito estranho; mas então eu vi você, e esqueci os peixes”.

“No Reino das fadas”, explicou a mulher, enquanto se sentavam à mesa, “a maior honra que os animais pode ter é serem comidos por seres humanos; pois esse é a máxima realização que podem alcançar nas suas condições. Mas isso não significa a sua destruição. Pois esse tanque contém algo mais, do que os peixes mortos, você verá”.



Complicada observou agora que o tanque estava tampado. Mas a mulher não fez mais nenhuma observação a esse respeito até que tivessem comido os peixes, que Complicada achou os mais gostosos que já provou em toda a sua vida (...). Assim que terminou de comer, as vozes de todos os animais da floresta penetravam pela porta até os seus ouvidos; pois a porta continuava escancarada, mesmo que lá fora já estivesse totalmente escuro; e não eram apenas sons mais fortes ou demorados; eram verdadeiros discursos, e discursos que era possível entender. [(...) Depois de ela ter presenciado a transformação dos peixes comidos em anjos, a senhora perguntou].

“Então, acha que fizemos algum mal a esses peixes?” perguntou ao voltar.

“Não”. respondeu Complicada, “Penso que não. E não teria nada contra comer peixe todo dia”.

“É preciso esperar a hora certa, do mesmo jeito que você e eu, minha pequena Complicada”.

E esboçou um sorriso melancólico, ainda mais encantador.

“Mas”, continuou, “nós não poderíamos comer um no jantar de amanhã?” Em resposta a isso, a mulher foi até a beira do tanque, dizendo (Complicada agora podia compreendê-la perfeitamente):

“Quero um de vocês”, disse ela, “o mais sábio”.

Em resposta a isso os peixes ajuntaram-se no meio do tanque, com suas cabeças formando um círculo sobre a superfície da água, e suas caudas, um círculo debaixo dela. Realizavam um conselho, para determinar a sabedoria relativa de cada um. Depois de algum tempo, um deles voou para a mão da mulher, com olhar vivo e pronto.

“Você sabe onde o arco-íris está?” perguntou.

“Sim, perfeitamente”, respondeu o peixe.

“Traga-me o jovem você encontrará lá, e que não sabe para onde ir”.

No mesmo instante, o peixe sumiu porta afora. Então a mulher disse à Complicada que já era hora de se recolher; e, abrindo outra porta ao lado da cabana, mostrou-lhe uma pequena árvore, fresca e verde, que abrigava como que uma cama silvestre [preparada para ela dormir] (...)

Na manhã seguinte, a menina acordou com o roçar das folhas sobre sua cabeça, e o som de águas correntes. Mas, para a sua surpresa, a porta da cabana havia desaparecido – não havia nada além da parede da cabana coberta de musgo. Assim, rastejou através de uma abertura na árvore, e se viu no meio da floresta. Então, banhou-se em um riacho que fluía através das árvores, e sentiu-se melhor; depois de ter sido banhada no tanque da sua avó, passou a sentir a necessidade de estar sempre limpa e arrumada daí para frente; e, colocando seu vestido verde, sentiu-se como uma verdadeira dama (...).

Enquanto isso, a escuridão invadia o derredor fazendo-a virar-se para algo luminoso. Viu, então, que a porta da cabana estava aberta, e a luz do fogo em brasa que de lá emanava corria feito um rio pela escuridão (...). Ao entrar, encontrou o tanque no fogo, e a deslumbrante mulher sentada do outro lado dele.

“Estive te observando o dia todo”, disse a mulher. “Você precisa comer, mas teremos de esperar até que nosso jantar volte para casa”.

Ela pegou Complicada no colo, e começou a cantar-lhe belas canções, tão lindas, que a menina desejou que nunca mais terminassem. Depois de algum tempo, o peixe brilhante retornou e apressou-se para dentro do tanque. Em seu encaço seguiu um jovem que vestia roupas muito velhas e apertadas para sua idade. Seu rosto

ruborizado refletia saúde, e em sua mão, carregava uma pequena joia, que resplandecia como fogo. A primeira pergunta que a mulher lhe fez foi:

“O que é isso em sua mão, Musguinho?”

Musguinho era o nome que seus amigos lhe deram, devido a uma pedra que escolhera para sentar horas a fio lendo algum livro e que vivia coberta de musgo. Diziam até que o musgo havia crescido para dentro da sua cabeça. Musguinho esticou o braço e abriu a mão. No mesmo instante em que a mulher viu que era a chave-de-ouro, levantou-se de sua cadeira, beijou Musguinho na testa e o fez sentar-se a seu lado. Depois, curvou-se diante dele, como uma criada. Musguinho se levantou de um salto, não se conformando com aquilo. Mas a mulher implorou, com lágrimas nos belos olhos, que ele se sentasse e a deixasse servi-lo.

“Mas a senhora é tão majestosa e tão linda” disse Musguinho.

“Sim, eu sei. Mas esse é o *meu* trabalho - coisa que me dá o maior prazer; e você terá que me deixar servi-lo, pois partirás logo, logo”.

“Como sabe disso?” indagou Musguinho.

“Porque você encontrou a chave-de-ouro”.

“Mas eu nem sei para que ela serve. Não consigo achar o buraco da fechadura. Poderia, por gentileza, me dizer o que fazer?”

“Você mesmo terá que achá-lo. Esse é o *seu* trabalho. Não posso ajudá-lo. Só posso lhe dizer isso: se procurar direito há de achar”.

“Que tipo de caixa a chave poderia abrir? O que poderia estar lá dentro?”

“Não sei. Tenho sonhado com a chave, mas não sei de nada”.

“Devo partir já?”

“Pode dormir aqui esta noite, e jantar conosco. Mas deve partir manhã de manhã. Tudo que eu posso fazer por você é dar- lhe algumas roupas. Tem uma menina aqui chamada Complicada, que deve ir com você”. Isso é bom”, disse Musguinho.

“Não, não!” gritou Complicada. “Não quero te deixar, por favor, vovó”.

“Você deve ir com ele, Complicada. É duro deixá-la ir, mas é pelo seu bem. Veja, até os peixes que entraram no tanque têm que sair por aí na escuridão.” (...)

Assim dizendo, examinou os peixes no tanque, e o tampou de novo. Sentaram-se à mesa e comeram o peixe, e então a criatura voadora levantou voo, e, depois de circundar no teto, pousou no colo da mulher. Ela o levou até a porta, dizendo algumas palavras no seu ouvido, e soltou-o para fora na escuridão. Ouviram o bater de suas asas morrendo à distância. Então a mulher levou Musguinho até onde havia uma cama, igualzinha à de Complicada.

Na manhã seguinte, encontrou um par de roupas a seu lado. Ele ficou muito bonito com a roupa. Mas o alfaiate da avó nunca pensava na *aparência* das pessoas, mas apenas na *beleza* delas.

Complicada não queria partir por nada no mundo.

“Porque eu deveria deixá-la? Nem conheço o rapaz”, disse à mulher.

“Nunca me deixam ficar muito tempo com as minhas crianças. Você não é obrigada a ir com ele, se não quiser, mas terá que ir algum dia; e eu gostaria muito que fosse com ele, porque ele tem a chave-de-ouro. Ninguém precisa ter medo de ir com um jovem detentor da chave-de-ouro. Você vai cuidar bem dela, Musguinho, não vai?”

“Com certeza”, disse Musguinho. E Complicada deu uma olhada para ele, cogitando a possibilidade de ir com ele.

“Além disso”, disse a mulher, “se vocês se perderem um do outro, quando estiverem atravessando a..., o... - nunca consigo lembrar o nome daquele mundo, - não tenham medo, e sigam em frente”.

A mulher deu um beijo em Complicada e outro em Musguinho e os levou até a porta, apontando para o oriente. Musguinho e Complicada deram-se as mãos e caminharam cada vez mais para dentro da floresta. Musguinho segurava a chave-de-ouro em sua mão direita.

Perambularam assim muitas horas, divertindo-se com a conversa dos animais. Em pouco tempo, tinham aprendido o suficiente da língua deles para lhes fazer as perguntas necessárias (...). [Depois de muito subirem e descerem pelas montanhas, chegaram a um local silencioso].

Nunca tinham visto um lugar assim. A descida era difícil e perigosa, mas seguiram a trilha estreita que descia e alcançaram o vale com segurança. Notaram então que o chão era de areia rochosa lavada, colorida e irregular, mas que de uma maneira geral, era plano e nivelado. Já não lhes causava nenhum espanto agora, que não tinham podido dizer ao certo o que era, porque o vale estava repleto de sombras. Era um verdadeiro mar de sombras. A maior parte delas eram projeções das muitas folhas das árvores, que balançavam ao vento, encantadoras e imaginativas. As folhas fluuavam e estremeçiam com a mais leve e menos audível brisa. Não se podia ver nenhuma floresta cobrindo as montanhas, não se podia ver uma árvore sequer em lugar algum, no entanto as sombras das folhas, dos ramos e das hastes de todas as árvores cobriram o vale até onde os olhos podiam alcançar.

As sombras das flores misturavam-se com as sombras das folhas, e, de vez em quando avistavam a sombra de um pássaro de bico aberto, empenhado em um gorjeio. Às vezes viam-se vultos de criaturas estranhas, graciosas, movendo-se em meio ao emaranhado de sombras de ramos, que desapareciam no meio das folhagens agitadas pelo vento. Na medida em que andavam, afundaram até o joelho no lago encantado. Pois as sombras não se encontravam meramente na superfície da terra, mas apinhavam-se sobre ela, como se tivessem sido formadas em mil planos diferentes do ar. Complicada e Musguinho esticavam o pescoço para tentar discernir de onde as sombras vinham; mas não conseguiram espreitar nada mais do que uma névoa clara alastrada pelo céu, que se estendia além dos picos das montanhas e se destacava contra eles.

Não se podia ver floresta, folha ou pássaro. Depois de algum tempo, chegaram áreas mais abertas, onde as sombras eram mais translúcidas e apenas fluuavam, deixando espaço para as crianças verem o que viria pela frente (...). Algumas pareciam amantes que passavam abraçados, ora pai e filho, ora irmãos disputando um amor, ora irmãs enganchadas uma na outra. Era a mais graciosa comunidade de espectros complexos que se podia ver. Às vezes, cavalos selvagens cruzavam seu caminho em disparada, livres, ou montados por sombras nobres legisladores. Mas as imagens mais encantadoras eram indescritíveis.

Quando chegaram mais ou menos ao centro do vale sentaram-se para descansar, bem no coração do mar de sombras. Depois de algum tempo assim sentados, entreolharam-se e viram lágrimas nos olhos um do outro: ambos estavam saudosos do mundo de onde as sombras provinham.

“Temos que encontrar o mundo de onde as sombras vêm”, disse Musguinho.

“Precisamos sim, querido Musguinho”, respondeu Complicada. “E se a sua chave-de-ouro for a chave para aquele mundo?”

“Ah! isso seria muito bom”, retrucou Musguinho. “mas vamos descansar um pouco aqui, depois poderemos atravessar a planície antes do cair da noite” (...).

Quando estavam suficientemente descansados levantaram-se e prosseguiram sua viagem. Não se podia dizer quanto tempo levaram para atravessar aquela planície; mas antes do cair da noite o cabelo de Musguinho começou a ficar cheio de mexas brancas, e a testa de Complicada começou a ficar enrugada. Ao anoitecer, as sombras caíam e se elevavam. Depois de algum tempo, chegaram a um lugar, onde elas se aglomeravam sobre as suas cabeças, tornando tudo escuro.

Então deram-se as mãos e andaram lado a lado em silêncio e um tanto apreensivos. Sentiam a crescente escuridão, além de um sentimento estranho e solene que fizeram com as sombras deixassem de assombrá-los. De repente, Complicada notou que não estava mais segurando a mão de Musguinho, mas não sabia precisar quando foi que ela a havia soltado.

“Musguinho, Musguinho!” gritou apavorada. Mas nada de Musguinho responder.

Em seguida, as sombras caíram a seus pés e mergulharam debaixo deles, enquanto as montanhas elevavam-se diante dela. Virou-se para a paisagem tenebrosa que acabara de deixar para trás e gritou mais uma vez por Musguinho. A obscuridade tomava conta do lugar em um mar tempestuoso de sombras desprovidas de espumas brancas, mas não havia nem sinal de Musguinho, escalando a montanha em que ela se encontrava. Então ela se jogou ao chão e chorou desesperada.

De repente lembrou-se do que a mulher bonita lhes havia dito, que, caso se perdessem um do outro em um mundo, do qual não conseguia lembrar o nome, não deveriam ficar com medo, mas seguir em frente.

“Além disso”, disse para si mesma, “Musguinho tem a chave-de-ouro, e então, acho que nada de mal possa lhe acontecer”. Levantou-se do chão e seguiu viagem.

Um bom tempo depois, deparou-se com um precipício, em cuja parede havia entalhada uma escada. No meio do caminho, porém, a escada desapareceu e a trilha passou a conduzir em linha reta para dentro da montanha. Estava receosa de entrar, e virando novamente para a escada, sentia vertigens ao olhar para baixo e ver a altura em que se encontrava, o que a forçou a continuar de gatinhas até a entrada da caverna. Quando abriu os olhos, viu uma pequena e bonita criaturinha com as asas abertas, esperando.

“Eu te conheço”, disse Complicada. “você é um dos meus peixes”.

“Sim. Mas já não sou mais peixe. Sou um aerente agora”.

“Que bicho é esse?” quis saber Complicada.

“Ora, é o que você está vendo”, respondeu a criatura. “Fui enviado para lhe servir de guia através das montanhas”.

“Oh! Fico-lhe muito grata, caro peixe – digo, aerente”, retrucou Complicada levantando-se.

Com isso, o aerente abriu a suas asas e voou através de uma passagem longa, estreita, em movimentos que lembravam Complicada da maneira como nadava, quando ainda era um peixe. No instante em que suas asas brancas se moveram, a criatura começou a espalhar raios brilhantes e coloridos por todos os lados, iluminando todo caminho à frente. Quando ele se foi, Complicada ouviu um ruído, bem diferente das suaves arremetidas de suas asas. Diante dela estava um arco aberto, da qual emanava uma luz, misturada com o som das ondas do mar.

Lançou-se através dele, e deixou-se cair cansada e feliz na areia amarelada da praia. Ficou assim deitada ali, sonolenta com misto de exaustão e descanso, escutando o vai-e-vem das ondas que morriam na praia. Elas pareciam tentando seduzir a terra a

deixar de ser terra, e transformar-se em mar. E, momentos depois, seus olhos avistaram ao longe um grande longínquo arco-íris, bem onde o céu se encontrava com o mar. Então finalmente caiu em sono profundo.

Quando acordou, viu um homem velho de longos cabelos brancos que cobriam os seus ombros, inclinando-se em cima de uma vara coberta com botões verdes, e, inclinando-se sobre ela, disse :

“O que você quer aqui, mulher bonita?”

“Eu sou bonita? Isso me deixa muito contente!” respondeu Complicada, levantando-se.

“Minha avó é que é bonita.”

“Tudo bem, mas o que você quer?” repetiu, amavelmente.

“Acho que é com o senhor mesmo. O senhor é o velho lobo do mar?”

“Sou eu mesmo.”

“Então, a avó pediu-me para perguntá-lo se não tem mais peixes prontos para ela.”

“Vamos ver o que podemos fazer, minha querida” respondeu o velho lobo, falando de forma já bem mais gentil do que antes.

“Mas eu também posso fazer alguma coisa por você, não posso?”

“Pode sim, senhor - mostre-me de que maneira posso chegar até o país onde as sombras caem. “ disse Complicada. “Pois lá espero encontrar Musguinho novamente.

“Ah! Certamente essa é uma boa causa, “ disse o homem velho. “Acontece que não posso, pois nem eu sei como chegar lá eu mesmo. Mas posso enviá-la até o velho lobo da terra. Talvez ele possa dizê-lo. Ele é muito mais velho do que eu.”

Inclinando-se sobre sua bengala, conduziu-a ao longo da praia até uma rocha íngreme, que parecia um navio petrificado de cabeça para baixo. A porta de entrada era o leme da uma grande embarcação, naufragada há muito anos no fundo do mar. Logo atrás da porta, estava uma escada na rocha, que o homem desceu e Complicada seguiu. No pé da escada havia uma casa, era onde o homem velho vivia. Assim que entraram, Complicada ouviu um ruído estranho, diferente de qualquer coisa que tinha ouvido até então. Percebeu logo que eram peixes conversando. Tentou compreender o que diziam; mas seu discurso era tão antiquado e pouco civilizado ou definido, que não podia fazer muito com ele.

“Vou ver se arrumo aqueles peixes para a minha filha” disse o velho lobo do mar. E, abrindo uma porta corrediça na parede da sua casa, primeiro olhou para fora, e depois bateu sobre um pedaço de cristal grosso que tapava a entrada da porta. Complicada subiu atrás dele e, olhando através da abertura para o coração verde da profundidade do oceano, viu as mais estranhas criaturas, algumas muito feias, todas muito bizarras, com bocas esquisitas, nadando por toda a parte, por cima e por baixo, mas todas aproximando-se da abertura em resposta ao sinal do velho. Poucas conseguiram encostar suas bocas no cristal, mas mesmo as que estavam mais distantes voltaram-se para aquela direção. O velho homem vistoriou toda a corja com cuidado por alguns minutos e, voltando-se para Complicada, disse:

“Lamento, mas não tenho nenhum preparado ainda. Mas estarei enviando algum, assim que puder”.

Ele então fechou a porta corrediça. Nesse momento, um enorme barulho elevou-se do mar. O velho abriu a porta novamente e bateu no cristal, pelo que os peixes ficaram todos quietos como se estivessem dormindo.

“Eles só estavam conversando sobre você,” disse ele. “Eles falam tanta besteira!. Manhã,” continuou, “tenho que mostrar-lhe o caminho até o velho lobo da terra. Ele mora muito longe daqui.

“Deixe-me ir agora mesmo,” disse Complicada.

“Não, isso é impossível. Você precisa vir por aqui primeiro.”

Ele a guiou até um buraco na parede, que ela não tinha observado antes. Estava coberto de folhas verdes e flores brancas de uma planta rastejante.

Apenas as plantas de folhas verdes e flores brancas podem crescer em baixo do mar, “disse o velho, “Lá dentro você encontrará uma banheira no qual deverá deitar-se até eu te chamar.

Complicada entrou e viu-se num quarto menor ou caverna, sendo que no canto superior havia uma grande bacia escavada na rocha, e cheia pela metade da mais cristalina água do mar. Das fendas na rocha saíam constantemente pequenos filetes de água. Estava muito bem polida por dentro, e não chão havia um tapete de areia amarela. Folhas verdes e flores brancas cobriam-no e decoravam-no quase que totalmente. Mal ela tinha trocado de roupa e deitado na banheira, quando sentiu como se a água estivesse avançando sobre ela, fazendo-a usufruir de todos os benefícios do sono, sem recair no esquecimento. Sentia-se cada vez melhor. E sentia-se cada vez mais feliz e cheia de esperança em relação a como estava quando perdeu Musguinho. Mas ela não pôde deixar de pensar também em quão triste deveria ser para um pobre velho viver completamente sozinho e ter que tomar conta de um mar cheio de peixes estúpidos e esquisitos.

Depois do que estimou ter sido uma hora mais tarde, aproximadamente, ouviu sua voz chamando-a e levantou-se da banheira. Toda a fadiga e dor de sua longa viagem pareciam ter sumido. Sentia-se inteira e forte e bem, como se tivesse dormido por sete dias. Voltando até a abertura que levava para a outra parte da casa, ela ficou contente com o que viu, pois reconhecia a forma de um homem alto, com uma face majestosa e bonita, que a agradava.

“Venha, disse ele, vejo que você está pronta.”

Ela entrou com um ar de reverência. “Onde está o velho lobo do mar?” perguntou ela humildemente.

“Não há ninguém aqui além de mim.” Respondeu ele sorrindo.

“Alguns me chamam de velho lobo do mar. Outros têm outro nome para mim, e ficam terrivelmente assustados quando me vêem dando uma volta na praia. Por isso evito de ser visto por eles, pois eles ficam tão assustados, que nunca veem quem eu realmente sou. Você está me vendo agora. Mas agora tenho que lhe mostrar o caminho para o velho lobo da terra.

Ele a guiou para a caverna onde havia a banheira e lá ela viu, no canto oposto, uma Segunda abertura na rocha.

“Desça esta escada e ela a levará até ele.” Disse o velho lobo do mar.

Com mil humildes agradecimentos, Complicada seguiu caminho.

A menina foi descendo a escada em espiral, até que começou a ficar preocupada, achando que não iria acabar nunca mais. Continuou descendo e descendo os degraus íngremes, com as ondas do mar começando a bater fora da rocha e do corredor ao lado dela logo abaixo dos degraus. Estava completamente escuro em torno dela, no entanto ainda conseguiu enxergar. Pois depois de ter-se banhado naquela banheira, os olhos da pessoa passam a emitir uma luz própria. Não havia nenhum obstáculo no caminho. Embora escuro e úmido, tudo estava muito seguro e

profundamente agradável. Por fim, alcançou o último degrau, e viu-se numa caverna brilhante.

Numa pedra no meio da caverna havia um jovem sentado de costas para ela -- era a figura de um homem velho (...). De lá de trás ela podia ver sua barba branca se esparramando por todo o chão rochoso em frente dele. Ele nem se moveu quando ela entrou, de modo que ela teve de dar a volta e ficar bem na sua frente e para lhe falar. No momento em que ela olhou no seu rosto, ela viu que era de um jovem de extrema beleza. Olhava extasiado de prazer com o que via em um espelho posto no chão a seus pés, algo que parecia de prata e que, visto de trás parecia uma barba branca. Continuava assim sentado, pouco preocupado com a presença dela, pálido de prazer com a sua visão. Ela ficou parada, olhando para ele. Depois de algum tempo, falou com voz trêmula. Mas sua voz não produziu qualquer ruído. Contudo o homem se levantou. Não mostrou nenhuma surpresa, entretanto, em vê-la - apenas sorriu em sinal de boas vindas.

“Você é que é o velho lobo da terra?” perguntou Complicada. O rapaz respondeu e Complicada o ouvia, ainda que não, com as suas orelhas:

“Sou eu. O que posso fazer por você?”

“Diga-me como posso chegar no país aonde as sombras caem.”

“Ah! Não sei não. Eu mesmo só posso sonhar com ele. Às vezes eu vejo as suas sombras no meu espelho: de onde elas vêm eu não sei. Mas penso que o velho lobo do fogo saiba dizer. Ele é muito mais velho do que eu. É o homem o mais velho de todos.”

“Onde posso encontrá-lo?”

“Eu te mostrarei como chegar até ele. Eu mesmo nunca o vi.”

Assim dizendo, o jovem levantou-se e olhou para Complicada por algum tempo.

“Gostaria muito de ver esse país eu mesmo,” disse ele. “Mas preciso cuidar do meu trabalho.”

Então, conduziu-a para um lado da caverna, e lhe pediu para encostar seu ouvido na parede.

“O que você está ouvindo?” perguntou.

“Ouço um som,” respondeu Complicada, “de uma corrente de água fluindo dentro da rocha.”

“Esse rio leva para baixo até onde mora o homem mais velho de todos - o velho lobo do fogo. Gostaria de poder ir vê-lo. Mas tenho cuidar do meu trabalho. Esse rio é o único caminho.”

Então o velho lobo da terra inclinou-se sobre o assoalho da caverna, levantando uma pedra enorme, e inclinou-se do lado esquerdo dela. Com isso, fez aparecer um grande buraco que caía em linha reta até o fundo.

“Esse é o caminho,” disse, “mas não há nenhuma escada. Você terá que jogar-se dentro dele. Não há outra maneira.”

O jovem virou-se e olhou diretamente no rosto de Complicada por um minuto - pelo menos era o que lhe parecia, na verdade foi ano inteiro - então ela se jogou de cabeça no buraco.

Quando ela se deu conta de si, viu-se deslizando rapidamente para o fundo. Encontrava-se debaixo d'água, mas isso não quis dizer nada, pois nem sequer lembrava, quando havia respirado pela última vez desde seu banho na caverna do

velho lobo do mar. Quando levantou a cabeça da água, uma onda de calor repentino e forte a fez imediatamente mergulhar outra vez, deixando-a passar por cima dela. Gradualmente o rio começou a ficar mais raso.

Com o tempo, mal podia mais manter a cabeça embaixo d'água. Quando a água já não a podia levar mais longe, saiu da água, e desceu, degrau por degrau, uma escada ardente. A água dissipou-se por inteiro. O calor era terrível. Sentiu-se chamuscada até os ossos, mas isso não afetou em nada sua força. À medida que foi ficando mais quente, disse, “Não poderei suportar isso por muito tempo mais.” Mesmo assim, continuou andando.

No último corredor, a escada acabou em um túnel totalmente rústico, exceto por uma rocha incandescente. Complicada jogou-se exausta no musgo fresco de uma caverna. O chão e as paredes estavam cobertos de musgo verde, macio e úmido. Um filete de água jorrava de uma fenda na rocha, cuja água caía numa espécie de bacia de musgo. Mergulhou a cabeça nela e bebeu. Depois disso, levantou a cabeça e olhou em redor. Levantou-se e olhou outra vez.

Não via ninguém na caverna. Mas assim que se levantou teve uma sensação maravilhosa de se encontrar no interior misterioso da terra e de todas as suas formas de manifestação. Tudo o que tinha visto ou aprendido dos livros; tudo o que sua avó lhe tinha dito ou cantado; toda a conversa dos animais, dos pássaros e dos peixes; todos os acontecimentos da sua viagem com Musguinho, e agora, bem no coração da terra com o mais velho dos homens - tudo ficou claro: agora compreendia tudo, viu que tudo apontava para a mesma coisa, embora, mais uma vez, não o pudesse expressar em palavras.

A seguir, ela avistou em um canto da caverna, uma pequena criança nua, sentada no musgo. Estava brincando com bolas de vários cores e tamanhos, que dispôs no chão, formando estranhas figuras. Subitamente, Complicada passou a ter conhecimento de algo que fugia à sua compreensão. Pois sabia que devia haver algum sentido infinito nos movimentos da criança e na sequência em que ela distribuía cada uma das bolas, bem como as variadas combinações de suas cores, mas não sabia dizer o significado de tudo aquilo. A criança seguia entretida, incansável, jogando seu jogo solitário, sem olhar para cima ou parecer estar ciente de que havia uma desconhecida em sua tão reservada e profunda cela. Com o cuidado de um pescador que acionava seu molinete, ela movimentava e arranjava suas bolas. Flashes de compreensão súbita irradiaram delas para a mente de Complicada, e logo tudo voltou a ficar não apenas escuro, mas completo breu. Ficou ali, olhando por muito tempo, fascinada com a cena; e quanto mais olhava, mais sentia crescer em sua mente uma vaga e indescritível inteligência. Passou sete longos anos ali, prestando atenção à criança despida, com suas bolas coloridas, mas que lhe pareceram sete horas, quando o formato que as bolas tomaram, sem saber ao certo porque, forte forma e similaridade com o vale das sombras, ela disse:

“Onde está o velho lobo do fogo?” perguntou.

“Aqui estou” respondeu a criança, levantando-se e deixando suas bolas no musgo. “O que posso fazer por você?”

Havia uma tranquilidade tão absoluta e impressionante no rosto da criança que Complicada emudeceu. Não havia sorriso, mas o amor em seus grandes olhos cinzentos era tão profundo quanto aquele centro. E a tranquilidade dava ao seu rosto um brilho de lua nova, parecia que estaria esboçando, a qualquer momento, um sorriso tão arrebatador que um faria qualquer chorar até a morte. Mas o sorriso nunca vinha, e o brilho da lua permanecia intacto ali. Pois o coração da criança era profundo demais, para que um sorriso pudesse alcançar o seu rosto.



“Você é o homem o mais velho de todos?” arriscou-se Complicada a perguntar depois de mais algum tempo, a despeito do seu estado de estupefação.

“Sou sim. Sou muito, muito velho. E sei que posso ajudá-la. Posso ajudar a qualquer um”.

E Complicada aproximando-se, olhou em seu rosto, o que a fez desatar em lágrimas.

“Pode me dizer, como chegar à terra de onde vêm as sombras?” soluçou.

“Posso sim. Conheço o caminho muito bem. Eu mesmo vou para lá às vezes. Mas você não poderia ir pelo mesmo caminho; você não é velha o bastante. Vou mostrar-lhe como chegar lá”.

“Por favor, não me faça voltar para o calorão”, suplicou Complicada.

“Não, não vou”, respondeu à criança. Esticou a mãozinha fresca e pôs sobre o seu coração.

“Agora”, disse, “pode ir. O fogo não a queimará. Venha”.

Ele a conduziu para fora da caverna, e, seguindo-o através de outro arco, ela viu-se no meio de um vasto deserto de areia e pedra. O céu era de rocha, e logo abaixo haviam como que nuvens carregadas; e o lugar todo estava tão quente que viu pequenos regatos brilhantes de ouro, pingos branco-amarelos de prata e vermelhos de cobre gotejando da rocha. Mas o calor não a afetava.

Quando já tinham tomado alguma distância, a criança virou uma pedra grande, e retirou de baixo dela algo que parecia um ovo. Em seguida desenhou com seu dedo uma longa linha curvada na areia, e colocou o ovo sobre ela.

Então ele disse alguma coisa que Complicada não conseguiu entender. O ovo se quebrou e uma pequena serpente saiu de dentro dele, e, seguindo a linha na areia, foi crescendo, crescendo, até que a cobriu totalmente. Uma vez adulta, a serpente foi embora, rastejando em ondas como de mar.

“Siga aquela serpente”, disse a criança. “Ela a guiará para o lugar certo”.

Complicada seguiu a serpente. Mas não conseguiu ir muito longe sem olhar para trás para a maravilhosa criança. Lá estava ela sozinha no meio do deserto incandescente, ao lado de uma fonte de chamas vermelhas que queimavam diante dos seus pés brancos despidos, que refletiam um vermelho rosado e pálido no terrível fogo. Lá permanecia a criança, olhando por ela, até que a distância já não lhe permitisse vê-la. A serpente continuou em linha reta, sem desviar nem para a direita, nem para a esquerda.

Nesse meio tempo, Musguinho havia saído do lago das sombras, e seguia o seu caminho desolador sozinho, até alcançar a praia. Era um fim de tarde escuro e tempestuoso. O sol já se tinha posto. O vento soprava do mar. As ondas haviam cercado a rocha dentro da qual se encontrava a casa do velho lobo do mar. Águas profundas batiam entre a rocha e a praia, e, no alto dela viu a figura majestosa de um homem caminhando solitariamente. Musguinho foi até ele e perguntou,

“Você poderia me dizer onde posso encontrar o velho lobo do mar?”

“Eu sou o velho lobo do mar”, respondeu a figura.

“Mas eu vejo um homem forte e majestoso de meia idade”, retrucou Musguinho.

Então o homem olhou-o com mais atenção, e disse,

“Sua visão, rapazinho, está melhor do que a da maioria dos que vem me procurar. A noite será tempestuosa: venha até a minha casa e diga-me o que eu posso fazer por você”.

Musguinho seguiu-o. As ondas abriram-se diante dos passos do velho lobo do mar, e Musguinho seguiu na areia seca. Quando alcançaram a caverna, sentaram-se e olharam um para o outro. Nesse momento, Musguinho sentiu-se como se fosse um homem velho. E realmente parecia muito mais velho do que o velho lobo do mar, e seus pés estavam muito cansados. Depois de fitá-lo assim por algum momento, o velho lobo do mar tomou-o pela mão e conduziu-o até uma caverna dentro da caverna maior. Chegando lá, ajudou-o a tirar as suas roupas e preparou-lhe um banho. Notou então que Musguinho não abria uma das mãos.

“O que você tem na mão?” perguntou. Musguinho abriu a sua mão, e lá estava a chave-de-ouro.

“Ah!” disse o velho, “isso explica o fato de você ter vindo me conhecer. E sei qual o caminho que você deve seguir”.

“Gostaria de encontrar o mundo de onde vêm as sombras”, disse Musguinho.

“Acredito. Até eu gostaria. Mas por enquanto, uma coisa está certa. Para o que você acha que serve essa chave?”

“Para um buraco de uma fechadura adequado que está em algum lugar. Mas eu não sei, por que a carrego comigo. Nunca consegui achar o buraco da fechadura. E penso que já vivi o bastante” disse Musguinho triste. “não tenho certeza, se sou um velho. Só sei que meus pés doem”.

“Doem mesmo?” perguntou com seriedade o homem velho, como quem estava falando; e Musguinho, que ainda estava no banho, prestou atenção a seus pés por um momento e então respondeu,

“Não, na verdade não estão doendo nada”, respondeu. “talvez eu nem seja velho tampouco”.

“Levante-se e espelhe-se na água”.

Ele se levantou e se olhou na água. Não havia um só cabelo branco sobre a sua cabeça ou rugas na sua pele.

“Você provou o gosto da morte agora”, disse o homem velho. “É bom?”

“É sim”, disse Musguinho. “é melhor do que a vida”.

“Não é não”, retrucou o velho, “é só *mais* vida. Seus pés não afundarão mais na água agora”.

“O que isso significa?”

“Eu lhe mostro já”.

Retornaram à caverna exterior, onde sentaram e conversaram por longo tempo. Com o passar das horas, o velho lobo do mar levantou-se, e disse a Musguinho,

“Siga-me”.

Levou-o novamente para cima pela escada e abriu outra porta. Estavam no nível do mar raivoso, olhando para o leste. Através do imenso volume das águas, que se acumulava em uma enorme e ameaçadora nuvem preta, via-se a base de um arco-íris, brilhando na escuridão.

“Só pode ser o meu caminho”, disse Musguinho, assim que viu o arco-íris, e começou a andar sobre a superfície do mar. Seus pés não afundaram na água. Lutou

contra o vento, e escalou as ondas, até chegar ao fim do arco-íris. A tempestade foi se dissipando, cedendo a um dia lindo e uma noite ainda mais encantadora. Um vento fresco soprava sobre a larga e lisa planície do oceano.

E Musguinho continuava sua jornada rumo ao oriente. Mas o arco-íris havia desaparecido com a tempestade. Seguiu andando dia após o dia, achando que não havia ninguém para guiá-lo. Mal sabia que um daqueles peixes deslumbrantes estava embaixo das águas dirigindo seus passos. Depois de cruzar o mar chegou a um precipício que só tinha uma passagem. Mas ela também não o levou muito longe, pois deu de cara com um paredão. Parou e ponderou: o caminho não podia morrer ali, do contrário, que serventia poderia ter? Era uma trilha íngreme, não muito visível, contudo não havia dúvida de que era um caminho. Passou a examinar a parede da rocha. Era lisa como vidro. Mas enquanto seus olhos continuavam a sondá-la, algo resplandeceu, e desviou seu olhar para uma série de pequenas safiras. Formavam um pequeno buraco na rocha.

“É o buraco da fechadura!” gritou.

Inseriu a chave. Encaixou. Girou. Ouvia um grande “clique” depois um “claque” lá de dentro, como de parafusos de ferro ribombando alto em enormes caldeiras de bronze. Puxou a chave. A rocha à sua frente começou a desmoronar. Recuou dela o máximo que a sua largura permitia. Uma tábua grande caiu a seus pés. Diante dele, na frente da tábua, ainda havia rocha sólida. Mas no mesmo instante em que pisou na tábua para alcançar a rocha, uma segunda tábua mais alta caiu bem perto da borda, formando como que o próximo degrau de uma escada. À medida que ele subia pela escada improvisada, a rocha foi se desfazendo em baixo dos tabuões até desmoronar no coração do precipício.

Ele foi indo, até que chegou num salão bastante apropriado para o ensejo - embora irregular e rústico na formação, o chão e as paredes, as colunas e o telhado que formavam uma abóbada, eram cobertos por uma camada de pedras, que brilhavam nas mais diversas cores que se possa imaginar. No centro havia sete colunas, de cores que variavam de vermelho a violeta. E na base de uma delas havia uma mulher sentada, estática, com seu rosto curvado sobre os joelhos. Estivera sentada lá por sete longos anos, esperando. Quando Musguinho se aproximou, ela levantou os olhos. Era Complicada. Seu cabelo havia crescido até os seus pés, ondulados como o mar que morre nas areias da praia. Seu rosto era tão bonito quanto o de sua avó (...). Sua estatura era alta e nobre. Musguinho a reconheceu imediatamente.

“Como você é bonita, Complicada!” disse admirando-a e deleitando-se.

“Sou mesmo?” perguntou. “Você não faz ideia de quanto tempo eu fiquei aqui esperando! Mas você parece ser o velho lobo do mar. Ou será que você é o velho lobo da terra. Não, não. Você se parece muito com o homem mais velho de todos. Ou melhor, você é como todos eles juntos. Mas não, você é ele mesmo, meu bom e velho Musguinho! Como você veio parar aqui? O que você andou fazendo depois que eu te perdi? Você encontrou o buraco da fechadura? Continua carregando a chave?”

Complicada tinha mil perguntas para fazer e ele mais ainda. Compartilharam todas as suas aventuras um ao outro, e sentiram-se tão felizes quanto um homem e uma mulher poderiam ser. Pois estavam mais jovens e perfeitos, e mais fortes e sábios, do que eram antes. Começou a escurecer. E desejaram mais do que nunca alcançar o mundo de onde vêm as sombras. Assim procuraram um caminho para fora da caverna. A porta por onde Musguinho havia entrado se tinha fechado, e havia uma distância muito grande entre a rocha e o mar. Nem Complicada conseguia achar a abertura no assoalho pela qual a serpente a tinha conduzido para lá. Continuaram procurando até que ficou tão escuro que não podiam enxergar mais nada, então desistiram.

Depois de algum tempo, entretanto, a caverna começou a brilhar outra vez. A luz do luar, não parecia vir da lua, porque brilhava através daquelas sete colunas, pelo que o lugar todo passou a brilhar em todas as cores. No mesmo instante, Musguinho viu que havia mais uma coluna, ao lado da vermelha, que não tinha observado antes. Era da mesma cor fresca que tinha visto quando viu o arco-íris pela primeira vez na floresta encantada. E nela viu um lampejo azul. Eram as safiras que adornavam o buraco da fechadura. Ele pegou a sua chave. Ao girá-la na fechadura ouviu o som de uma música celestial. Uma porta abriu-se lentamente sobre as dobradiças, revelando uma escada em espiral por dentro da coluna. A chave desapareceu da sua mão. Complicada foi subindo. Musguinho seguiu. A porta fechou-se atrás deles. Estavam partindo da terra; e, sem parar de subir, deixavam-na para trás.

Estavam dentro do arco-íris. Lá do alto, por sobre o oceano e tudo, podiam ver a terra embaixo de seus pés através das paredes transparentes do arco-íris. Lado a lado, as escadas subiam juntas para o alto, e belos seres de todas as idades alçavam-nas junto com eles. Sabiam que estavam indo para o mundo de onde vem as sombras. E a essas alturas, eles já devem ter chegado lá.

### Referências

CHESTERTON, G.K., *G.K. Chesterton's Introduction to "George MacDonald and His Wife"* (by Greville M. MacDonald. 1924.). Disponível em: <[www.chesterton.org/gkc/critic/George%20Macdonald.htm](http://www.chesterton.org/gkc/critic/George%20Macdonald.htm)>. Acesso em: 27-01-11.

LEWIS, C.S. *On Stories*. 2ª. ed. New York Harvest, 1982.

MACDONALD, George. *The Golden Key* (1867). Disponível em <[www.goodreads.com/book/show/6918919-a-chave-de-ouro](http://www.goodreads.com/book/show/6918919-a-chave-de-ouro)>. Acesso em 13-03-11.

\_\_\_\_\_, *A Princesa e o Goblin* (1872). Trad. Keila Litvak, São Paulo: Editora Landy, 2003. Disponível em <<http://www.scribd.com/doc/6923212/George-MacDonald-A-Princesa-e-o-Goblin>>. Acesso em: 21 Jan., 2011.

\_\_\_\_\_, *"The Imagination: Its function and its culture"*. (1867) Disponível em: <[www.george-macdonald.com/imagination.htm](http://www.george-macdonald.com/imagination.htm)>. Acesso em 11-08-08.

\_\_\_\_\_, *Phantastes* (1858). Disponível em <<http://www.feedbooks.com/book/3437>> Acesso em: 28 de Jan de 2011.

\_\_\_\_\_, *At the Back of the North Wind* (1871). Disponível em <<http://www.gutenberg.org/files/18614/18614-h/18614-h.htm>>. Acesso em: 28 de Jan de 2011.

\_\_\_\_\_, *The Princess and Curdie* (1883). Disponível em <<http://www.gutenberg.org/ebooks/709>>. Acesso em: 28 de Jan de 2011.

\_\_\_\_\_, Greville M, *George Macdonald and His Wife*, London: George Allen & Unwin, 1924 (rep. 1998, Editora Johannensen)

SAYERS, Dorothy, *The Mind of the Maker* (1st ed. ed.). London: Methuen, 1941. Disponível em <[www.worldinvisible.com/library/dlsayers/mindofmaker/mind.c.htm](http://www.worldinvisible.com/library/dlsayers/mindofmaker/mind.c.htm)>, acesso em 31.05.2010.

STEINER, George. *Gramáticas da Criação*. Trad. Sérgio Augusto de Andrade. São Paulo: Globo, 2003.

TOLKIEN, J.R.R. On Fairy-Stories, *The Tolkien Reader*. New York: Ballantine Books, 1978.

Recebido para publicação em 02-07-12; aceito em 21-10-12